

MATERNIDADE NA UNIVERSIDADE: UM ESTADO DA ARTE SOBRE MÃES UNIVERSITÁRIAS (2019-2025)

Gardênia de Almeida Bezerra¹

¹Mestra em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED/UFMA), Acadêmica de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, Maranhão, Brasil

E-mail: gardeniaeumafior@gmail.com

José Edilmar de Sousa²

²Doutor em Educação Brasileira (PPGE/UFC), Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, Maranhão, Brasil, E-mail: jose.edilmar@ufma.br

RESUMO

Este artigo apresenta um estado da arte sobre a produção acadêmica brasileira que aborda a experiência de mulheres que conciliam maternidade e estudos acadêmicos, com ênfase em narrativas (auto)biográficas no ensino superior. A pesquisa é motivada pela trajetória pessoal da autora, que ingressou no curso de Pedagogia e no Mestrado em Formação Docente em 2019; no mesmo ano, tornou-se mãe, pela segunda vez, após uma gravidez de alto risco, precisando trancar a graduação por dois anos. O objetivo geral foi mapear e analisar a produção acadêmica brasileira publicada entre 2019 e 2025, identificando os principais desafios, estratégias de enfrentamento e políticas de apoio vivenciados por mães universitárias. Realizou-se um estado da arte no Google Acadêmico, utilizando os descritores “maternidade”, “universidade” e “graduação”. Foram selecionados e analisados 13 estudos, entre artigos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações. A análise seguiu pressupostos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) e os resultados foram organizados em cinco categorias, sendo três definidas a priori (desafios estruturais, rede de apoio, políticas públicas) e duas emergentes (desafios emocionais e estratégias de (re)existência). A discussão dialoga com referenciais da pesquisa (auto)biográfica, evidenciando que a maternidade na graduação ainda é marcada por sobrecarga, culpa e invisibilidade institucional. Conclui-se que coletivos de mães, políticas de licença-maternidade e creches universitárias são apontados como caminhos possíveis para apoiar a permanência de mães na educação superior. Trata-se de um estado da arte preliminar, com potencial de ampliação em etapas futuras.

Palavras-chave: Maternidade. Universidade. Estado da arte. Análise de Conteúdo. Narrativas (auto)biográficas.

INTRODUÇÃO

Ser mãe e universitária no Brasil é uma experiência atravessada por múltiplos desafios, que vão desde a sobrecarga de trabalho e de cuidado até a falta de políticas públicas de apoio à permanência. Embora as mulheres representem a maioria dos estudantes no ensino superior (INEP, 2019), a maternidade ainda figura como um dos principais fatores de trancamento e evasão, especialmente quando não há rede de apoio ou infraestrutura adequada nas instituições.

Esta pesquisa nasce da uma vivência pessoal. No início de 2019, fui aprovada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); em setembro, ingressei no Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) e em 20 de dezembro do mesmo ano, minha filha nasceu. A gravidez de alto risco me levou a trancar o curso de Pedagogia por dois anos. Retornei aos poucos, em modo remoto devido à pandemia de Covid-19 e, quando as aulas presenciais foram retomadas, minha filha passou a me acompanhar em todas as aulas. Inicialmente, duas ou três vezes por semana; no entanto, ano passado, decidi (por necessidade) acelerar a conclusão do curso e ela segue indo comigo todos os dias.

A atuação do Prof. Dr. José Edilmar de Sousa, orientador da pesquisa que deu origem a este trabalho, contribuiu no acompanhamento sistemático do percurso investigativo, supervisão da escrita acadêmica, bem como a revisão crítica do texto final. Por essa razão, sua participação configura-se como coautoria, nos termos das práticas acadêmicas vigentes.

Essa trajetória, que entrelaça maternidade, graduação, mestrado e pandemia, me levou a perguntar: 1. Como outras mulheres têm vivenciado a maternidade na graduação? 2. Quais são os principais obstáculos que enfrentam no dia a dia? 3. Como organizam sua rotina para dar conta dos cuidados com os filhos e das exigências acadêmicas? 4. Que tipo de apoio recebem (ou deixam de receber) da família, dos colegas, dos professores e da própria universidade? 5. Que estratégias criam para permanecer no curso?

Para responder a essas questões, realizei um estado da arte da produção acadêmica brasileira publicada entre 2019 e 2025, submetendo os 13 estudos selecionados à Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016). O recorte temporal não é aleatório: coincide com o ano de nascimento de minha filha, conferindo à pesquisa um caráter (auto)biográfico.

O referencial teórico que orienta a análise é o dos estudos (auto)biográficos (Nóvoa, 1995; Josso, 2004; Souza, 2006; Passeggi, 2011), que compreendem a narrativa de si como fonte legítima de conhecimento e como dispositivo de formação.

O objetivo geral foi mapear e analisar a produção acadêmica brasileira publicada entre 2019 e 2025, identificando os principais desafios, estratégias de enfrentamento e políticas de apoio vivenciados por mães universitárias.

Espera-se que os resultados aqui sistematizados possam contribuir para dar visibilidade a essa experiência, inspirar outras mulheres a narrar suas trajetórias e fomentar, nas instituições de ensino superior, políticas mais atentas às necessidades concretas das mães que estudam.

A (AUTO)BIOGRAFIA COMO MÉTODO E A MATERNIDADE NA UNIVERSIDADE

Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos (auto)biográficos, que legitimam a narrativa de si como fonte de conhecimento e como dispositivo formativo. No campo da educação, os estudos (auto)biográficos ganharam força no Brasil a partir dos anos 1990, com as contribuições de autores como António Nóvoa (1995), Marie-Cristine Josso (2004), Elizeu Clementino de Souza (2006) e Maria da Conceição Passeggi (2011). Para esses autores, a narrativa de si não é um exercício meramente descritivo, mas um dispositivo formativo e de pesquisa que permite ao sujeito tomar distância de sua própria experiência, analisá-la criticamente e, a partir dela, compreender as estruturas sociais que a condicionam.

No caso deste artigo, a experiência de ser mãe e universitária é o ponto de partida. A maternidade, aqui, é compreendida como uma experiência que reorganiza a vida da mulher em múltiplas dimensões: temporal (o tempo dedicado aos cuidados com o filho), espacial (a universidade como espaço de tensão entre estudo e cuidado), relacional (as relações com familiares, colegas e professores) e subjetiva (os sentimentos de culpa, sobrecarga e realização).

No âmbito específico da maternidade na universidade, destacam-se os trabalhos de Oliveira e Souza (2020), que estudaram a formação de coletivos de mães na UFF como estratégia de resistência e luta por políticas públicas.

Este estado da arte, portanto, situa-se nessa interseção: parte de uma experiência pessoal (auto)biográfica, mas busca sistematizar e analisar criticamente a produção acadêmica sobre o tema, para além da vivência individual.

METODOLOGIA: ESTADO DA ARTE E ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO PERCURSO INVESTIGATIVO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estado da arte (Ferreira, 2002; Romanowski & Ens, 2006), trata-se de um estudo de natureza bibliográfica que busca mapear e analisar a produção acadêmica sobre um tema, identificando tendências, abordagens e lacunas. A escolha por este tipo de estudo justifica-se por sua adequação a investigações exploratórias em educação, nas quais se busca compreender o estado do conhecimento sobre determinado fenômeno sem a pretensão de exaustividade ou de avaliação da qualidade metodológica dos estudos, como seria exigido em uma revisão sistemática (Sampaio & Mancini, 2007).

A pesquisa orienta-se pelos princípios estabelecidos no Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (Brasil, 2026), documento oficial do Ministério da Educação que define diretrizes éticas e pedagógicas para a integração da IA no contexto educacional brasileiro, referindo-se à transparência metodológica e à supervisão humana em pesquisas acadêmicas. Dito isso, partimos de alguns pontos:

1. Pergunta de pesquisa

Como a produção acadêmica brasileira publicada entre 2019 e 2025 tem abordado os desafios, as estratégias de permanência e as políticas de apoio à maternidade na graduação?

2. Fontes de informação e estratégia de busca

A busca foi realizada em quatro bases de dados, selecionadas por sua relevância para a área da educação e por sua ampla indexação da produção científica nacional: Google Acadêmico (scholar.google.com), SciELO (Scientific Electronic Library Online), Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os melhores resultados em termos de pertinência temática e acesso ao texto completo foram encontrados no Google Acadêmico.

Os descritores utilizados foram: “maternidade”, “universidade” e “graduação”. Foram testadas combinações com o operador booleano AND e a estratégia que produziu os melhores resultados foi a utilização dos dois primeiros descritores (“maternidade” AND “universidade”), com o terceiro sendo empregado apenas para refinar a busca quando necessário. As buscas foram realizadas entre os meses de fevereiro e abril de 2026.

3. Recorte temporal

O recorte temporal definido foi de 2019 a 2025. O ano de 2019 foi escolhido como marco inicial por sua relevância para a minha trajetória como mãe universitária, visto que no primeiro semestre ingressei no curso de Pedagogia, no segundo, no Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas e, em 20 de dezembro de 2019, com o nascimento de minha filha, altera-se completamente minha experiência acadêmica. Conforme Gil (2019), os recortes temporais em pesquisas bibliográficas devem ser justificados por critérios de relevância, atualidade ou pertinência em relação ao objeto de estudo. Neste caso, a coincidência entre o percurso pessoal e o recorte temporal confere ao trabalho um caráter (auto)biográfico explícito.

4. Critérios de inclusão e exclusão



Foram incluídos no corpus os trabalhos que atenderam aos seguintes critérios: (a) publicados entre 2019 e 2025; (b) em língua portuguesa; (c) que abordassem a experiência de mães na universidade (graduação e pós-graduação); (d) com acesso gratuito ao texto completo. Foram excluídos: (a) estudos focados exclusivamente na gravidez sem relação com o ensino superior; (b) estudos sobre paternidade sem contraponto com a maternidade; (c) resenhas, editoriais ou resumos de eventos sem texto completo disponível.

5. Processo de seleção

Foram identificados inicialmente 37 trabalhos nas quatro bases (Google Acadêmico: 17; SciELO: 08; CAPES: 05; BDTD: 07). Após a remoção de duplicatas entre as bases, restaram 29 trabalhos. Na sequência, procedeu-se à leitura de títulos e resumos, o que resultou na pré-seleção de 20 trabalhos. Na leitura na íntegra, 7 foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos (ausência de relação com a graduação ou duplicidade de conteúdo). Ao final, compuseram o corpus 13 trabalhos, sendo: 8 artigos científicos, 2 trabalhos publicados em anais de eventos, 2 dissertações de mestrado e 1 trabalho de conclusão de curso. Observou-se que os trabalhos mais pertinentes ao escopo da pesquisa estavam concentrados no Google Acadêmico.

6. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que a define como uma metodologia que organiza técnicas para descrever mensagens de maneira objetiva e sistemática. A finalidade é produzir indicadores que fundamentem inferências sobre o contexto de produção e recepção do discurso analisado.

O percurso analítico seguiu as três fases fundamentais propostas por Bardin (2016): 1. Pré-análise; 2. Exploração do material; 3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Foram definidas três categorias a priori, com base no referencial teórico: (1) Desafios estruturais e institucionais; (2) Rede de apoio; (3) Políticas públicas e ações institucionais. Durante a exploração do material, emergiram mais duas categorias: (4) Desafios emocionais e subjetivos; (5) Estratégias de permanência e (re)existência.

Ressalto que, como pesquisadora, elaborei todas as etapas da pesquisa e supervisionei a validação final das categorias de análise e as conclusões, garantindo que a ferramenta de IA utilizada como apoio (conforme declarado ao final deste artigo) atuasse exclusivamente como recurso complementar e não como substituta do julgamento humano e da autoria intelectual.

7. Limitações da pesquisa

Reconheço como limitação deste estudo o fato de a busca ter sido realizada exclusivamente em português, o que pode ter excluído produções relevantes em outros idiomas. Além disso, o acesso restrito a textos completos gratuitos pode ter limitado a inclusão de trabalhos publicados em periódicos de acesso fechado. Trata-se, portanto, de um estado da arte preliminar, com potencial de expansão em etapas futuras da pesquisa.

RESULTADOS

A partir da aplicação dos procedimentos da Análise de Conteúdo aos 13 estudos que compuseram o corpus, foram construídas cinco categorias temáticas, sendo três definidas a priori e duas emergentes. O Quadro 1 apresenta a síntese das categorias, sua definição operacional e a frequência de ocorrência nos estudos analisados.

Quadro 1 – Categorias de análise do estado da arte

Categoria	Definição operacional	Tipo	Frequência (N=13)
1. Desafios estruturais e institucionais	Barreiras materiais, organizacionais e normativas que dificultam a permanência de mães na graduação (falta de creches, rigidez de horários, desconhecimento da legislação, etc.)	A priori	12 (92,3%)
2. Desafios emocionais e subjetivos	Sentimentos e estados emocionais relatados pelas mães universitárias (culpa, ansiedade, estresse, exaustão, medo, solidão)	Emergente	11 (84,6%)
3. Rede de apoio	Quem são as pessoas que auxiliam as mães no cuidado dos filhos e como se organiza esse apoio	A priori	10 (76,9%)
4. Estratégias de permanência e (re)existência	Práticas e estratégias individuais e coletivas que as mães universitárias desenvolvem para permanecer na graduação	Emergente	9 (69,2%)
5. Políticas públicas e ações institucionais	Demandas por políticas públicas e ações institucionais que já existem ou são sugeridas para apoiar a permanência de mães na graduação	A priori	13 (100%)

Fonte: Elaboração própria (2026).

A seguir, cada categoria é apresentada em detalhes, com exemplos extraídos do corpus e discussão interpretativa:

Categoria 1: Desafios estruturais e institucionais

Esta categoria foi a mais frequente, aparecendo em 12 dos 13 estudos (92,3%). Os desafios identificados foram agrupados em quatro subcategorias:

a) Ausência ou insuficiência de creches universitárias: presente em 11 estudos. Dario (2023) aponta a falta de creche como o principal obstáculo. Pessanha (2023) registrou sugestões como

“a universidade poderia providenciar uma ciranda ou creche especializada para deixarmos nossos filhos enquanto estudamos”. Pantoja e Freitas (2024) constataram que nenhuma das Instituições de Ensino Superior (IES) pesquisadas oferecia creche, e 60% dos participantes afirmaram nunca ter ouvido falar sobre a existência desse serviço.

b) Rigidez de horários e falta de flexibilidade acadêmica: presente em 10 estudos. As mães relatam dificuldade em conciliar os horários das aulas com os cuidados com os filhos, especialmente quando os filhos adoecem ou quando há necessidade de amamentação. Pessanha (2023) apresentou demandas por “flexibilidade na entrega de trabalhos e atividades mais simples” e “flexibilidade nas presenças em aula”.

c) Desconhecimento da legislação: presente em 8 estudos. Pantoja e Freitas (2024) evidenciaram que 81% das participantes desconheciam a existência da licença-maternidade durante a graduação. Pereira, Santos e Silva (2022) analisam a Lei nº 6.202/1975 e mencionam que a lei é pouco conhecida e menos ainda aplicada.

d) Falta de acessibilidade física: presente em 5 estudos. As mães relatam dificuldades com escadas, falta de elevadores, ausência de fraldários e de salas de amamentação. Walczak e Silva (2024) apontam a falta de espaços adequados para amamentar como um problema recorrente.

A discussão desses desafios remete ao conceito de “não-lugar” da mãe na universidade, desenvolvido por Fontel (2019). A autora argumenta que a universidade foi historicamente pensada para um sujeito abstrato, sem responsabilidades de cuidado, e que a presença da mulher-mãe nesse espaço é percebida como deslocada. Essa percepção se materializa em gestos, olhares, falta de estrutura física e omissão institucional.

Categoria 2: Desafios emocionais e subjetivos

Esta categoria emergiu da leitura do corpus e apareceu em 11 estudos (84,6%). Os sentimentos identificados foram agrupados em quatro subcategorias:

a) Culpa materna: presente em 11 estudos. Pessanha (2023) cita o relato de uma entrevistada: “Ser mãe é se sentir culpada, é achar que está falhando em algum lado o tempo todo”. Dario (2023) também registra a culpa como sentimento recorrente. O estudo de Costa et al. (2023) identificou que mães universitárias apresentam culpa pela ausência e distância dos filhos.

b) Ansiedade e estresse: presente em 10 estudos. Costa et al. (2023) identificaram que as mães universitárias apresentam quadros de estresse causado pela rotina agitada, medo e culpa.



Ferreira (2023) destacou que a saúde mental das mulheres é afetada pela falta de espaços de escuta e acolhimento nas universidades.

c) Exaustão física e mental: presente em 9 estudos. Walczak e Silva (2024) demonstraram que a sobrecarga de trabalho remoto na pandemia levou ao adoecimento mental de muitas mulheres.

d) Sentimentos contraditórios (ambivalência): presente em 6 estudos. Silva e Souza (2024) discutem a ambivalência materna: sentir-se ao mesmo tempo realizada e sobrecarregada, feliz e frustrada. As mães relatam orgulho por estarem conseguindo estudar, mas também tristeza por se sentirem excluídas das atividades sociais da universidade.

Categoria 3: Rede de apoio

Esta categoria foi definida a priori e apareceu em 10 estudos (76,9%). Os resultados foram agrupados em duas subcategorias:

a) Composição da rede de apoio: presente em 10 estudos. Dario (2023), Pessanha (2023) e Silva e Souza (2024) apontam que a rede de apoio das mães universitárias é composta principalmente por familiares: mães, sogras, irmãs, tias e avós. Em menor frequência, aparecem babás contratadas e creches.

b) Participação do pai da criança: presente em 8 estudos. A participação dos pais é descrita como variável: em alguns casos, há divisão de tarefas; em outros, a participação é mínima ou inexistente. Dario (2023) mostrou que, embora 38,5% das informantes afirmassem que seus companheiros dividiam as tarefas, ao detalhar os itens, a participação masculina era baixa em atividades como limpar a casa e lavar roupa.

Categoria 4: Estratégias de permanência e (re)existência

Esta categoria emergiu da leitura do corpus e apareceu em 9 estudos (69,2%). As estratégias foram divididas em individuais e coletivas:

a) Estratégias individuais: estudar durante a madrugada ou nos intervalos do cuidado (presente em 7 estudos); reduzir o número de disciplinas por semestre (presente em 6 estudos); levar os filhos para a sala de aula (presente em 5 estudos); buscar bolsas de auxílio-creche (presente em 4 estudos). Dario (2023) mostrou que, antes da maternidade, apenas uma informante havia precisado diminuir o número de disciplinas; após a maternidade, 54,5% precisaram fazer isso.

b) Estratégias coletivas: formação de coletivos e grupos de apoio (presente em 5 estudos). Calmon et al. (2022) descrevem a experiência do projeto “Mães na Universidade” da UFRJ, e Oliveira e Souza (2020) analisam o Coletivo de Mães da UFF. Ambos os estudos destacam a

importância dessas redes como espaços de acolhimento, troca de experiências e luta por políticas públicas.

Categoria 5: Políticas públicas e ações institucionais

Esta categoria foi definida a priori e apareceu em todos os 13 estudos (100%). As demandas e ações identificadas foram agrupadas em cinco subcategorias:

- a) Creches universitárias: presente em 13 estudos (unanimidade). Considerada a principal demanda pelas mães universitárias. A pesquisa de Rocha (2022) propõe a creche como um dos indicadores qualitativos para políticas de apoio à maternidade.
- b) Licença-maternidade e flexibilização de prazos: presente em 12 estudos. Pereira, Santos e Silva (2022) analisam a Lei nº 6.202/1975 e o PL 12/2018, que propõe a extensão do regime de exercícios domiciliares para 8 meses. A Lei nº 13.536/2017, que garante prorrogação de bolsas por até 120 dias, também é mencionada.
- c) Flexibilidade acadêmica: presente em 11 estudos. Demandas por flexibilização de horários, possibilidade de atividades remotas e extensão de prazos para entrega de trabalhos e realização de provas.
- d) Capacitação de professores: presente em 8 estudos. As mães relatam que a postura dos professores é determinante para sua permanência, e sugerem formação continuada sobre a temática da maternidade na universidade.
- e) Auxílio financeiro: presente em 7 estudos. Silva et al (2019) descrevem o programa “Auxílio Creche” da UFMA, que paga 12 parcelas de R\$ 200,00 para estudantes com filhos de até 6 anos. Rocha (2022) propõe o auxílio-maternidade como um dos indicadores da esfera econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estado da arte, construído com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016) e orientado pelos princípios de transparência e supervisão humana do Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (Brasil, 2026), evidenciou que a produção acadêmica brasileira recente (2019-2025) sobre maternidade na graduação apresenta consistência temática e convergência de achados.

As cinco categorias construídas, sendo três a priori (desafios estruturais, rede de apoio, políticas públicas) e duas emergentes (desafios emocionais, estratégias de (re)existência),

revelam um panorama de sobrecarga, culpa e invisibilidade institucional. No entanto, também revelam resistência, criatividade e luta coletiva. A análise de conteúdo permitiu descrever o conteúdo manifesto dos estudos e realizar inferências sobre as condições de produção dessas pesquisas e sobre o contexto mais amplo em que a maternidade na universidade se insere.

Do ponto de vista (auto)biográfico, este artigo não apenas sistematizou o conhecimento produzido sobre o tema, mas também permitiu que minha própria experiência como mãe e universitária fosse problematizada à luz da produção acadêmica. Percebi que não estou sozinha: muitas mulheres vivenciam as mesmas dificuldades, culpa e estratégias. Descobri também que há um movimento organizado de mães na universidade, que luta por direitos e por visibilidade.

Conclui-se que a universidade brasileira ainda não está plenamente preparada para acolher e garantir a permanência de mães na graduação. As lacunas institucionais, desde a falta de creches até a ausência de flexibilidade acadêmica e de informação sobre direitos, evidenciam a necessidade de políticas estruturadas e de uma mudança cultural no ambiente acadêmico. A maternidade na universidade não é um desvio ou um problema individual; é uma realidade que precisa ser enfrentada com equidade, inclusão e responsabilidade institucional.

Que este artigo possa inspirar outras mulheres a narrar suas experiências, a buscar seus direitos e a ocupar cada vez mais os espaços acadêmicos, com seus filhos no colo, se necessário. Parafraseando uma das entrevistadas de Pessanha (2023): “Que as pessoas aceitem que as crianças existem!”.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Em conformidade com o Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (Brasil, 2026) e com os princípios de transparência, integridade acadêmica e supervisão humana ali estabelecidos, declaro que uma ferramenta de Inteligência Artificial foi utilizada como recurso de apoio, no processo de elaboração deste artigo, e não como substituto da autoria intelectual ou do julgamento crítico da pesquisadora.

A ferramenta Gemini (Google), versão 3.1 Pro, foi empregada como assistente no processo de revisão sistemática e análise de conteúdo, atuando como apoio nas seguintes etapas:

1. Organização e sistematização inicial dos dados extraídos dos artigos do corpus, com a geração de quadros-síntese preliminares.

2. Sugestão de agrupamentos temáticos e de categorias de análise, posteriormente validadas, refinadas e redefinidas por mim, como pesquisadora, à luz do referencial teórico.

Como compromisso ético, todo o conteúdo gerado ou sugerido pela IA foi rigorosamente revisado, validado e, quando necessário, corrigido pela pesquisadora, que assume integral responsabilidade pela originalidade, precisão, adequação metodológica e alinhamento ético do texto final, em consonância com as orientações do Referencial do MEC (Brasil, 2026, p. 176-177), que estabelece que “a responsabilidade intelectual pelo conteúdo final permanece integralmente atribuída ao pesquisador”.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de inteligência artificial na educação**. Brasília: MEC, 2026.

CALMON, L. S. et al. Maternidade e universidade: a experiência de um projeto de extensão focado no acesso, permanência e progressão de mulheres-mães. **Expressa Extensão**, v. 27, n. 1, p. 108-117, 2022.

COSTA, J. L. S. et al. **Desafios da maternidade no período acadêmico**: revisão integrativa. *Refacs*, v. 11, n. 1, p. 6226, 2023.

DARIO, A. S. O. **Universidade e maternidade**: a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais). UFCG, Sumé-PB, 2023.

FERREIRA, M. S. C. G. et al. Os desafios de ser mãe universitária: reflexões sobre fatores de proteção em grupo de mulheres. In: **Rumo ao futuro da educação**: pesquisas científicas para a transformação educacional, 2023.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FONTEL, L. **Mães na universidade**: performances discursivas interseccionais na graduação. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

INEP. **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. Brasília: Inep, 2019.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, T. V. de; SOUZA, M. A. de. Mães na graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. In: **VI SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2020**. Anais... Londrina: UEL, 2020.

PANTOJA, J. C.; FREITAS, C. M. de. Ser mãe na universidade: um estudo sobre a maternidade durante a graduação em Medicina no estado de São Paulo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 6345-6356, 2024.

PASSEGGI, M. da C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN, 2011.

PEREIRA, A. L. L.; SANTOS, B. G.; SILVA, L. R. Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade. **South American Development Society Journal**, v. 8, n. 23, p. 152-166, 2022.

PESSANHA, L. F. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. **Revista Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 1, p. 306-331, 2023.

ROCHA, M. N. P. **Mulheres na ciência**: uma avaliação das políticas públicas de apoio à maternidade implementadas no âmbito da pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Dissertação (Mestrado) – UFC, Fortaleza, 2022.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SILVA, N. O.; SOUZA, D. C. de. Entre a universidade e a maternidade: desafios de mulheres mães estudantes do ensino superior no interior do Amazonas. **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 25, n. 4, p. 880-888, 2024.

SILVA, J. S. et al. A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus VII Codó. In: **VI CONEDU, 2019**.

SOUZA, E. C. de. (Auto)biografia, identidade e formação: a experiência do dispositivo formacional. In: PASSEGGI, M. da C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN, 2006. p. 103-118.

WALCZAK, A. T.; SILVA, F. F. Pandemia, maternidade e ciência: experiências e reflexões de cientistas mães da Universidade Federal do Pampa. **Educação em Revista**, v. 40, e42213, 2024.